

FLOREAI FLORES. EMBLEMÁTICA E CULTURA DAS FLORES, ENTRE EUROPA, CHINA E BRASIL. A DECORAÇÃO DO SEMINÁRIO JESUÍTICO EM BELÉM DA CACHOEIRA NO RECÔNCAVO BAIANO*

RENATA MARIA DE ALMEIDA MARTINS**

Resumo: *A decoração do seminário jesuítico de Belém da Cachoeira no Recôncavo Baiano, destinado aos «meninos da terra», pode ser descrita como um grande emblema formado pela imagem das flores, e pelo mote Florete Flores/Floreiai Flores. O lema aparece, entre motivos vegetais e zoomorfos, num frontal de altar hoje no Museu de Arte da Bahia. Motivos florais são figurados na capela-mor, nos restos do retábulo fingido e nas pinturas da abóbada, e sobretudo, na pintura do teto da sacristia, que funde elementos das tradições artísticas europeias, asiáticas e americanas. A pintura é atribuída ao jesuíta Charles Belleville (Wei-Kia-Lou), que viveu por dez anos na China, trabalhando como pintor e arquiteto na corte de Kangxi, antes de aportar em Salvador, onde permaneceu até a sua morte. Todos estes elementos foram fundidos à luz da tradição emblemática característica do universo literário e artístico dos jesuítas nos séculos XVII e XVIII.*

Palavras-chave: *emblemática; flores; jesuítas; Europa; China; Bahia.*

Abstract: *The decoration of the Jesuit seminary of Belém da Cachoeira in the Recôncavo Baiano, destined to the «boys of the land», can be described as a great emblem formed by the image of the flowers, and the motto Florete Flores/Floreiai Flores. The motto appears, among plant and zoomorphic motifs, on an altar front today at the Museu de Arte da Bahia. Floral motifs are featured in the chancel, in the remains of the mock altarpiece and in the paintings on the vault, and above all, in the painting of the sacristy ceiling, which fuses elements of European, Asian and American artistic traditions. The painting is attributed to the Jesuit Charles Belleville (Wei-Kia-Lou), who lived for ten years in China, working as a painter and architect at the Kangxi court, before arriving in Salvador, where he remained until his death. All these elements were merged in the light of the emblematic tradition characteristic of the literary and artistic universe of the Jesuits in the 17th and 18th centuries.*

Keywords: *emblematic; flowers; jesuits; Europe; China; Bahia.*

INTRODUÇÃO

A decoração do seminário Jesuítico de Belém da Cachoeira no Recôncavo Baiano, destinado aos «meninos da terra», pode ser descrita como um grande emblema formado pela imagem das flores, e pelo mote *Florete Flores/Floreiai Flores*. O lema aparece, entre motivos vegetais e zoomorfos, num frontal de altar realizado em escaiola, imitando

* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence à autora deste texto.

** Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo — FAUUSP. Coordenadora do Projeto Jovem Pesquisador Fase 2 Barroco-Açu. *A América Portuguesa na Geografia Artística do Sul Global*, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP n.º 2021/06538-9. Email: renatamartins@usp.br.

embrechado de mármore, hoje no Museu de Arte da Bahia; motivos florais são figurados na capela-mor, nos restos do retábulo fingido e nas pinturas da abóbada; e, principalmente, na extraordinária pintura do teto da sacristia, que funde elementos das tradições artísticas europeias, asiáticas e americanas.

A pintura do teto da sacristia é atribuída ao jesuíta Charles Belleville (Wei-Kia-Lou) (1658-1730), que viveu por dez anos na China (1698-1708), trabalhando como pintor e arquiteto na corte do imperador Kangxi, antes de aportar em Salvador da Bahia, onde ficou até o final da sua vida em 1730. Todos estes elementos foram fundidos à luz da tradição emblemática característica do universo literário e artístico dos jesuítas nos séculos XVII e XVIII. Desta forma, a partir de estudos efetuados recentemente na China, na Europa e no Brasil¹, apresentaremos uma análise da decoração do Seminário, procurando documentar a circulação global de modelos, livros, objetos, e a participação de artífices europeus, indígenas, africanos e mestiços na assimilação de elementos da cultura asiática no Recôncavo Baiano.

Belleville, portanto, viveu e acumulou experiências artísticas entre a França e a China antes de aportar na Bahia. Ali, foi chamado a atuar em consonância com as ideias pedagógicas do padre português Alexandre de Gusmão (1629-1724), reconhecidamente uma das figuras mais importantes da província do Brasil.

Por sua vez, o manuscrito *In Studiosos adolescentes oratio paraenetica de Laudibus Humaniorum Litterarum*, discurso dirigido aos jovens estudantes em louvor das letras humanas, exercício didático dos alunos do Colégio de Belém da Cachoeira (1751)², é um documento importante para melhor compreender como o programa iconográfico dedicado às flores, desenvolvido no Seminário traduziu em termos visuais aquela proposta pedagógica, como tenho procurado demonstrar³.

1. O SEMINÁRIO DE BELÉM DA CACHOEIRA: UM GRANDE EMBLEMA FORMADO DE FLORES

O tema das flores foi frequentemente utilizado no universo literário e artístico europeu e jesuítico dos séculos XVII e XVIII. De fato, é possível mencionar várias importantes obras dedicadas à botânica que alternam imagem e textos didáticos e científicos, como aqueles bem conhecidos dos jesuítas Juan Eusebio Nieremberg (*Historia Naturae*

¹ Este trabalho faz parte dos estudos financiados no Brasil, China, França, Itália e Portugal, desde 2016 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP, no âmbito do Projeto Jovem Pesquisador *Barroco Cifrado*, agora na sua segunda fase, o *JP2 Barroco-Açu* (2022-2027), locado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Estado de São Paulo — FAU-USP, por mim coordenado, e que conta com a colaboração do professor Luciano Migliaccio, da professora Marina Massimi, da professora Sylvie Deswarte-Rosa, da professora Lucia Tongiorgi, da professora Elisabetta Corsi; e dos pesquisadores do grupo de estudos *Ásia Global*, especialmente, Bárbara Servidone, Carolina Akemi, Lilian Tiemy e Ricardo Makino. Agradeço a todos com afeto pelos importantes apoio e parceria.

² MASSIMI, PÉCORÀ, eds., 2022.

³ MARTINS, 2022.

Maxime Peregrinae, 1635), Giovan Battista Ferrari (*Florum Cultura*, 1633 e *Flora Overo Cultura di Fiori*, 1638), e ainda, ocupando-se da natureza asiática ou aclimatada na Ásia, Michael Boym (*Flora Sinensis*, 1656).

Houve, portanto, no teto da sacristia da Igreja do Seminário de Cachoeira, um encontro de tradições chinesas e europeias, lembrando que estes intercâmbios aconteceram nas duas direções: é bem conhecido o interesse para os jardins chineses e sua relevância para o pensamento estético na Europa, mas também foram criados jardins europeus na China. O mais impressionante deles, foi o Yuanming Yuan, antigo Palácio de Verão em Pequim — hoje em ruínas — iniciado em 1707, durante o reinado de Kangxi.



Fig. 1. Detalhe do frontal do Altar do Seminário de Belém da Cachoeira na Bahia. Museu de Arte Sacra da Bahia, Salvador, 2016

Em Belém da Cachoeira na Bahia, no entanto, ao gosto decorativo inspirado no Oriente, há também a presença de pinturas de perspectiva. Este tipo de decoração havia sido introduzido na China, na igreja dos jesuítas franceses em Pequim, o *Beitang* (ou *Pé-t'ang*), construída por Charles Belleville, com a participação fundamental do pintor italiano Giovanni Gherardini (1605-c. 1709)⁴. Belleville, portanto, utilizou nos diversos ambientes do complexo de Cachoeira, como em Pequim, a quadratura europeia e a linguagem decorativa chinesa.

⁴ CORSI, 2004.



Fig. 2. Sacristia do Seminário de Belém da Cachoeira na Bahia. Belém da Cachoeira, 2016



Fig. 3. Capela-mor do Seminário de Belém da Cachoeira na Bahia. Belém da Cachoeira, 2016

Belleville fez parte da mais maravilhosa reunião de talentos artísticos e científicos jesuítas chamados pela primeira vez a colaborar com os ateliês oficiais da corte imperial de Kangxi⁵. François Froger informa que o jesuíta francês foi chamado na corte de Pequim a partir de fevereiro de 1699 para se ocupar em obras de escultura, pintura e arquitetura, «artes que dominava perfeitamente»⁶.

O pintor Jiang Tingxi (1669-1732) — com o nome de Yangsung — trabalhava, então, na corte de Kangxi, e era membro da chamada Wenhua Dian, «sala da excelência literária», edifício principal da parte leste da Casa da Suprema Harmonia (Taihe Dian), ainda atualmente preservado na Cidade Proibida⁷.

Durante as dinastias Ming (1368-1644) e Qing (1644-1911), esta sala funcionou como uma espécie de grande biblioteca e museu, frequentada pela elite da administração imperial. Jiang Tingxi foi editor, juntamente com Chen Menglei, da chamada *Enciclopédia Imperial*, *G jin Túshū Jíchéng*; e do *Álbum de Belezas Colhidas de Lindas*

⁵ BAILEY, 2001: 106.

⁶ FROGER, 1926: 100.

⁷ MARTINS, 2022: 174-175.

Flores. Em tal álbum, Jiang Tingxi, entre outras espécies, retrata lindamente as flores de azaleia, neste caso, em cores contra um fundo preto. As áreas de vermelho e verde se cruzam, com o lado oposto consistindo de caligrafia escrita em tinta dourada⁸.

De modo geral, a cultura religiosa budista valorizava a pintura de flores, e a sua representação se encontrava em figurações do mundo celeste, na decoração mural, além de ter sido amplamente utilizada em objetos, como no mobiliário, caixas, biombos e leques. Este gênero, então, será um campo privilegiado de conexão entre as artes chinesas e europeias, adaptadas ao continente americano, no caso do Seminário de Belém da Cachoeira da Bahia, pela experiência de Belleville⁹.

Este viajaria de volta à Europa em 1708, mas o destino o levaria a ficar para sempre na Bahia, depois de um naufrágio. O francês aparece nos catálogos da província do Brasil, no colégio de Salvador, de 1716 a 1726, na qualidade de *pictor* e *associator*, termo que define os companheiros dos padres que viajavam em missão fora do colégio¹⁰. No catálogo de 1719, é mencionado como «Pictor, statuarius et associator»¹¹. Estes dados indicariam que na Bahia a sua atividade principal foi de pintor, no entanto, a única obra explicitamente relacionada ao seu nome nos documentos jesuíticos é de arquitetura, a saber, a realização ou revisão do plano do noviciado na praia da Jequitia em Salvador, cuja pedra fundamental foi lançada em 9 de março de 1709¹².

A igreja já possuía decorações admiráveis, relatadas por Andreoni em 1707¹³ e pelo fundador do Seminário, Alexandre de Gusmão em 1715¹⁴ — um conjunto de documentos permite datar as pinturas do teto da sacristia de Cachoeira depois de 1722 e antes de junho ou julho de 1725, há fatores de ordem estilística e iconográfica que reforçam a atribuição a Belleville das pinturas do teto da sacristia, e talvez de outras decorações da Igreja do Seminário de Belém da Cachoeira¹⁵. O jesuíta faleceu no colégio de Salvador da Bahia, em 29 de setembro de 1730.

2. CHARLES BELLEVILLE E A DECORAÇÃO DO SEMINÁRIO DE BELÉM DA CACHOEIRA

O programa iconográfico e decorativo da sacristia e da igreja do Seminário de Belém da Cachoeira desenvolve o tema das flores, caro ao seu fundador, antes mencionado, o pedagogo jesuíta Alexandre de Gusmão por ser evidente imagem da infância que, como a planta nascida da terra, vai crescendo e se transformando para florescer e dar frutos¹⁶.

⁸ MARTINS, 2022: 175.

⁹ MARTINS, 2022: 175.

¹⁰ ARSI, *Brasiliae*, 4, fol. 153; 6-1, 81, 102, 107v, 111v.

¹¹ ARSI, *Brasiliae*, 6-1, fol. 102.

¹² MARTINS, 2022: 176-178.

¹³ ARSI, *Brasiliae*, 6, fol. 65.

¹⁴ GUSMÃO, 1715: 362.

¹⁵ MARTINS, 2022: 181.

¹⁶ MARTINS, 2022: 181.

Em diversas passagens de *Escola de Bethlem. Jesus nascido no presépio* (Évora, 1678), livro de sua autoria, Gusmão relaciona o tema das flores com o do nascimento e do sacrifício de Jesus Cristo, bem como à matança dos santos inocentes, «flor dos mártires». Em outra obra sua, impressa em Lisboa no ano de 1715, *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron. A Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus*, o jesuíta informa da existência no seminário de duas Congregações das Flores contando com cerca de trinta estudantes «dos mais devotos e modestos», que se reuniam numa capela interna e confeccionavam flores de papel como sinal dos atos de virtudes e mortificações que os congregados ofereciam à Nossa Senhora nas festas realizadas anualmente¹⁷.

Está preservado no Museu de Arte Sacra da Bahia um frontal de altar em escaiola colorida, imitando embrechados de mármore policromos, de modelo lusitano ou italiano, procedente certamente de um altar da igreja de Belém da Cachoeira. A obra é decorada com motivos florealis e vegetais entre os quais se percebem pássaros e borboletas; no centro, há a inscrição: «Florete Flores»¹⁸, centro de todo o discurso imagético do edifício. Tais palavras são o começo dos versos do Eclesiastes: «Floreai flores como lírios dai perfume e cantai juntos um canto de louvor e bem-dizei o Senhor nas suas obras»¹⁹.

A decoração da sacristia vai rerepresentar o mesmo tema, talvez se inspirando em esquemas adotados na estética chinesa da época do imperador Kangxi (1662-1722); como, por exemplo, no teto da já citada Sala da Excelência Literária (Wenhua Dian), e no Pavilhão da Pureza Celestial, ambos na Cidade Proibida.

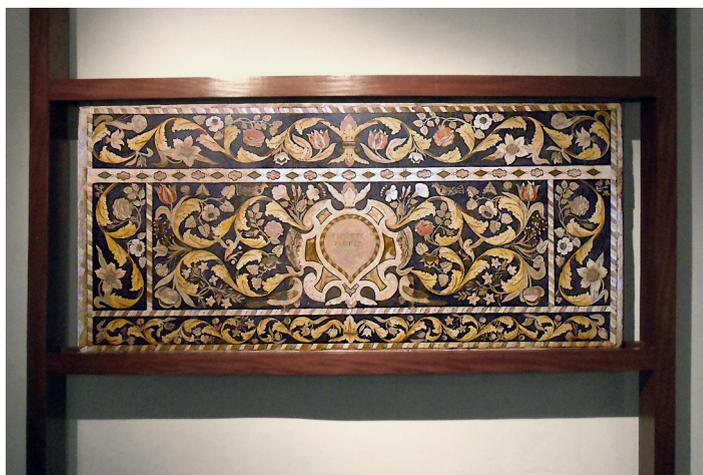


Fig. 4. Frontal do Altar do Seminário de Belém da Cachoeira na Bahia. Museu de Arte Sacra da Bahia, Salvador, 2016

¹⁷ GUSMÃO, 1715: 289.

¹⁸ Ecl 39, 19-21.

¹⁹ Ecl 39, 19-21: «Florete flores quasi liliū date odorem et frondete in gratiam et conlaudate canticum et benedicite Dominum in operibus suis». Tradução do latim ao português: professor doutor Luciano Migliaccio.

No teto de Cachoeira, portanto, os frisos dourados e as molduras em azul e vermelho, além de outras imitando incrustações em ouro e madrepérola, provavelmente repetidas nos armários e no púlpito da igreja, pareciam buscar uma reinterpretação de matérias preciosas dos produtos de luxo asiáticos.

O esplendor dos materiais e das técnicas decorativas chinesas, em particular pelos tecidos, pelas porcelanas e pelo mobiliário lacado, é documentado em muitas cartas e livros. Por exemplo, o jesuíta Filippo Bonanni publicaria em 1720 seu *Trattato sopra la vernice detta comunemente cinese*, editado em francês em 1723, enquanto nas missões jesuíticas da Amazônia se comparavam os efeitos dos vernizes da floresta produzido pelas índias pintoras da Aldeia de Gurupatuba (atual Monte Alegre) com «o melhor charão da China»²⁰.

Porém, em Cachoeira, o significado da obra parece não pertencer somente ao universo chinês, mas, sobretudo, ao da retórica literária e visual jesuítica, do qual Antônio Vieira e Alexandre de Gusmão foram os principais representantes no Brasil²¹.

Na decoração da sacristia, o tema das flores é reinterpretado numa linguagem inspirada nas artes decorativas chinesas; onde, talvez a escolha das variedades florais representadas, também talvez obedeça à tradição budista e taoista. O crisântemo poderia simbolizar os prazeres da vida retirada e a estação do outono; as flores da ameixeira a mocidade e a primavera; o lótus a pureza; a flor da pereira a longevidade²². Entre estas,



Fig. 5. Detalhe da pintura do teto do Seminário de Belém da Cachoeira na Bahia. Belém da Cachoeira, 2016

²⁰ MARTINS, 2020.

²¹ MARTINS, MIGLIACCIO, 2019: 168.

²² MARTINS, MIGLIACCIO, 2019: 168.

porém, inserem-se ao menos uma flor nativa da América, a passiflora ou maracujá (a *granadilla*), que poderia aludir à Paixão de Cristo ou ao martírio, conforme conhecemos pela cultura emblemática. Por exemplo, em dois belos trechos do seu texto sobre a flor da *granadilla* ou *maracoto*, Giovanni Ferrari nos diz²³:

Sinais da Granadilla ou Maracoto. Aquela flor por todos os jardins desse nosso mundo tão desejada, e de boca aberta pelas nossas flores anelada, chegada finalmente dos mais remotos limites do Peru e do México; recebida com melodiosas vozes pelos poetas, e com eloquentes falas pelos oradores; desenhada por mão do Divino Amor com dores vitais; para nos comunicar que as aflições padecidas por Deus se mudam finalmente em flores, e em coroas: aquele precioso e suave milagre da natureza.

Um outro e inédito documento, elaborado na Bahia, sobre o uso do tema das flores, numa chave moral e emblemática, tanto no campo visual, como no campo da retórica literária, é o manuscrito do século XVIII, conservado na Biblioteca Comunal de Urbana, na Itália, intitulado *In Studiosos Adolescentes Oratio Paraenetica*²⁴.

Este conjunto de textos, nascido das práticas literárias e pedagógicas do Seminário de Belém da Cachoeira, pode representar uma chave para entender como as imagens visuais poderiam ser compreendidas na época, como instrumento pedagógico, dentro do programa iconográfico do edifício. A terceira parte do manuscrito, de autoria de João da Silva Leão, aluno interno do Seminário de Belém, dedicada ao provincial da Companhia de Jesus no Brasil, padre Simão Marques, é formada por trinta epigramas, cada um inspirado por uma flor, simbolizando uma virtude moral²⁵.

Os belos textos são decorados com delicados arabescos caligráficos. Para cada flor — rosa, violeta, jacinto, amaranto, lírio, calêndula, sempre-viva, peônia, narciso, flor do maracujá, cravo, etc. — há um mote ligado frequentemente à visão (rosa: avermelha carmim; lírio: exhibe exímia brancura; peônia: sarapintada e multicolor; ciano: veste-se de um manto azul; mirtilo: de todas as cores, etc.), ao olfato (madressilva: espalha tênue aroma; rosa: seduz pelo aroma), ao tato (violeta: define ao tato; rosa: cerca os inimigos com o toque, fere com espinhos), e, às vezes, até a estes três sentidos conjuntamente (açafraão: colore o tato com aroma). As qualidades sensíveis das flores são associadas a uma virtude ou a uma qualidade moral (heliotrópio — sacerdote do sol — a obediência; narciso — ama as ondas — a pureza de valores), seguindo justamente o modelo da literatura emblemática²⁶.

A flor do maracujá ou *granadilla*, que está presente nas obras de Nieremberg e de Ferrari, aparece no manuscrito de Cachoeira como a décima flor: «Granadilha. Suporta as

²³ FERRARI, 2001 [1633]: 192, 195.

²⁴ *In Studiosos Adolescentes Oratio Paraenetica*, 1751.

²⁵ MARTINS, 2022: 186-188.

²⁶ MARTINS, 2022: 186-187.

dores. A mortificação dos sentidos», cujo epigrama é «Flor que suporta no peito todas as dores: pregos, chagas, golpes, lança, coroas de espinhos, cruz». A rosa, por sua vez, é a flor citada por mais vezes (1.^a, 7.^a, 13.^a, 19.^a, 25.^a e 30.^a flor), e, nesta sequência, é relacionada primeiramente à dignidade, depois à severidade para com os desonestos, à mortificação do corpo, à agilidade em completar tarefas, à afabilidade, e finalmente, à castidade²⁷.

A peônia (11.^a flor), natural da China, é assim descrita: «Peônia. Sarapintada e multicolor. A oração sagrada»; e seu epigrama diz ao final: «Quão sagrado és, Campestre! Por tua virtude enfloream, livres de todo vício, os campos mais silvestres»²⁸. Na China, a peônia (*mudan*), uma das flores que representa a estação do verão, é conhecida como «rainha das flores»²⁹, símbolo da realeza e da virtude, também chamada «flor da riqueza e da honra», *fuguihua*. Figurando, entre outras tantas espécies de flores (rosas, crisântemos, flores de maracujá, hortênsias, tulipas, hibiscos, etc.) no teto da sacristia de Belém da Cachoeira, as exuberantes e delicadas peônias, poderiam fazer menção às duas tradições.

O resultado desse hibridismo poderia lembrar, ainda, que apenas por uma coincidência formal, as guirlandas de flores pintadas emoldurando episódios da história sagrada, sobretudo, os mistérios dolorosos e gloriosos de Maria, pelos especialistas flamengos como Daniel Seghers ou Jan Bruegel, ou as coroas multicores que circundam as Virgens meninas fiadeiras da escola de pintura de Cusco.³⁰ O teto da sacristia de Belém da Cachoeira inseria-se num conjunto ornamental bem mais amplo, que poderia lembrar, como dito, as experiências de Gherardini e Belleville na China³¹. Ainda hoje vestígios de arquiteturas pintadas com figuras, vasos, *rocailles* e flores são visíveis na abóbada da capela-mor, e na parede há restos de pinturas figurando um altar com colunas e um alto frontispício, com festões floreaes, encimado por duas figuras alegóricas e o nome de Jesus.

Na pintura da abóbada da capela-mor, o mesmo tema das flores é declinado dentro de uma decoração de falsas arquiteturas com tarjas e emblemas de tema religioso em grisalha³². O inventário da Igreja do Seminário de Cachoeira, redigido em 1760, assim descreve a capela-mor: «a mesma Capella, cujo forro há uma imitação de abóbada, pintada de várias cores e o altar de tartaruga e em partes fingida com duas portas», e também dá notícias de «dois altares colaterais da mesma tartaruga» e «dois púlpitos com suas cúpulas, que lhes servem de remate cobertos de tartaruga»³³.

²⁷ MARTINS, 2022: 187.

²⁸ «Quam sacer Agrícola es! per te virtute feraces. Absque omni vitio luxuriantur agri». Transcrição de Felipe de Medeiros Guarnieri, 2017.

²⁹ SCHMALTZ, 2012.

³⁰ MARTINS, MIGLIACCIO, 2019.

³¹ CORSI, 1999, 2000.

³² MARTINS, MIGLIACCIO, 2019: 168.

³³ AHU. Cx. 26, doc. 4894(1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pinturas de Belém da Cachoeira são um exemplo extraordinário da transculturação nas artes visuais da época, um grande emblema de imagens florais: refletem o projeto de mundialização dos jesuítas e a assimilação por parte da companhia de elementos da tradição cultural e da estética chinesas, a circulação global da arte, a descoberta e o uso de motivos e técnicas de tradição asiática na América³⁴. Este fenômeno foi catalisado pela proposta pedagógica de Alexandre de Gusmão, através do trabalho de artífices locais — indígenas, africanos e mestiços — nas oficinas da Bahia, e, sobretudo, pela trajetória artística plural do pintor, escultor e arquiteto Charles Belleville entre a Europa, a Ásia e a América.

FONTES

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida, Bahia, cx. 26.

Arquívum Romanum Societatis Iesu (ARSI)

ARSI. *Brasiliae*, Bras. 3-2, Bras. 4, Bras. 6-1, Bras. 9, Bras. 10-2.

IN STUDIOSOS Adolescentes Oratio Paraenetica. Biblioteca Municipal de Urbania: Urbania, ms. 58, 1751.

BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, Gauvin (2001). *Art on the Jesuit Missions in Asia and Latin America, 1542-1773*. Toronto: University of Toronto Press.
- CARR, Dennis et al. (2015). *Made in Americas: The New World Discovers Asia, catalogue of the exhibition*. Boston: Museum of Fine Arts.
- CORSI, Elisabetta (1999). *Late Baroque painting in China prior to the arrival of Matteo Ripa. Giovanni Gherardini and the perspective painting called «xianfa»*. In FATICA, M., D'ARELLI, dirs. *La missione cattolica in Cina tra i secoli XVIII-XIX. Matteo Ricci e il Colegio dei Cinesi*. Nápoles: Instituto Universitario Orientale, pp. 537-541.
- CORSI, Elisabetta (2000). *Gherardini Giovanni*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Roma: Treccani, vol. 53.
- CORSI, Elisabetta (2004). *La fábrica de las ilusiones. Los jesuítas y la difusión de la perspectiva lineal em China, 1698-1766*. Cidade do México: El Colegio de Mexico
- FERRARI, Giovan Battista (2001 [1633]). *Flora overo cultura di fiori*. Firenze: L. S. Olschki.
- FROGER, François (1926). *Relation du premier voyage des François à la Chine fait en 1698, 1699 et 1700 sur le vaisseau «L'Amphitrite»*. Leipzig: Verlag der Asia Maior.
- GUSMÃO, Alexandre de (1678). *Escola de Bethlem: Jesus Nascido no Presépio*. Évora: Oficina Acadêmica.
- GUSMÃO, Alexandre de (1715). *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron. A Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus*. Lisboa: Oficina Real Deslandiana.

³⁴ CARR et al., 2015.

- MARTINS, Renata (2020). *Práticas de Re-existência e Opção Decolonial nas Artes da Amazônia: indígenas pintoras e redes de circulação local/global de saberes e objetos*. In MARTINS, Renata; MIGLIACCIO, Luciano, eds. *No Embalo da Rede: Trocas Culturais, História e Geografia Artística do Barroco na América Portuguesa*. Sevilha/São Paulo: UPO/FAUUSP, pp. 343-364.
- MARTINS, Renata (2022). *Um Jardim Oriental-Occidental: A Experiência Global do Artista Jesuíta Charles Belleville (Wei-Kia-Lou) na Rota França-China-Brasil e a Decoração do Seminário de Belém da Cachoeira na Bahia*. In MASSIMI, Marina; PÉCOR, Alcir, eds. *Apologia das Letras Humanas. A Educação Retórico-Poética em Dois Colégios Jesuíticos da Bahia*. São Paulo: Edusp, pp. 155-202.
- MARTINS, Renata; MIGLIACCIO, Luciano (2019). *Seguindo a pista de Wei-Kia-Lou. A migração de formas artísticas de gosto oriental através das missões jesuíticas e a ornamentação de espaços religiosos na América portuguesa*. «Revista de História da Arte —Serie W: The Art of Ornament: Meanings, Archetypes, Forms and Uses». 8, 162-172.
- MASSIMI, Marina; PÉCOR, Alcir, eds. (2022). *Apologia das Letras Humanas. A Educação Retórico-Poética em Dois Colégios Jesuíticos da Bahia*. São Paulo: Edusp.
- SCHMALTZ, Márcia (2012). *Peónia, a rainha das flores*. «Revista Macau». [Consult. 10 fev 2019]. Disponível em <<http://www.revistamacau.com/2011/12/06/peonia-a-rainha-das-flores/>>.

